Entre corpos e territórios: narrativas e práticas femininas no Parque da Lagoa

Between bodies and territories: women's narratives and practices in Parque da Lagoa

Sofia Vezzaro Taiarol
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Rio de Janeiro, RJ
sofia.taiarol@fau.ufrj.br
https://orcid.org/0009-0007-0142-2503

Vera Regina Tângari
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Rio de Janeiro, RJ
vtangari@fau.ufrj.br
https://orcid.org/0000-0003-4608-7909

Recebido em: 5 de março de 2026
Aceito em: 27 de julho de 2026

Resumo:

O artigo investiga as vivências no Parque da Lagoa, em Caxias do Sul (RS), explorando suas dinâmicas socioespaciais a partir de uma perspectiva sensível às experiências cotidianas das mulheres. O objetivo é compreender como elas percebem, utilizam e atribuem sentidos ao parque, revelando aspectos relacionados à fruição, ao pertencimento e ao cuidado, assim como tensões ligadas à segurança, à vigilância e às formas de permanência no espaço público. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cuja metodologia articula pesquisa documental, caminhografias e narrativas compartilhadas construídas a partir de diálogos com frequentadoras do Parque da Lagoa. Os resultados evidenciam que o parque é atravessado por diferentes percepções e experiências, construídas a partir das trajetórias, memórias e relações estabelecidas por suas frequentadoras. Ao colocar em diálogo diferentes formas de perceber, narrar e experienciar o parque, a pesquisa amplia a compreensão sobre os modos situados de presença e apropriação das mulheres nos espaços livres públicos.

Palavras-chave: Vivências Urbanas Femininas. Parques Urbanos. Caxias do Sul.

Abstract:

This paper investigates women's experiences in Parque da Lagoa, in Caxias do Sul (RS), exploring its socio-spatial dynamics from a perspective attentive to women's everyday experiences. It seeks to understand how women perceive, use, and attribute meaning to the park, revealing aspects related to enjoyment, belonging, and care, as well as tensions involving safety, surveillance, and ways of occupying and remaining in public space. This qualitative study employs a methodological approach that combines documentary research, walking-based inquiry (caminhografias), and shared narratives developed through dialogues with women who frequent Parque da Lagoa. The findings show that the park is shaped by diverse perceptions and experiences emerging from the trajectories, memories, and relationships of its users. By bringing different ways of perceiving, narrating, and experiencing the park into dialogue, the study broadens the understanding of women's situated modes of presence and appropriation in public open spaces.

Keywords: Women's Urban Experiences. Urban Parks. Caxias do Sul.

Introdução

O texto apresenta-se como um convite à multiplicidade de olhares sobre os espaços livres públicos[1], buscando compreender como esses lugares são percebidos e vivenciados a partir da perspectiva feminina. Ao observar tais experiências, revelam-se tanto dimensões de pertencimento e apropriação quanto tensões relacionadas à vigilância e às restrições impostas por uma sociedade ainda estruturada por lógicas patriarcais.

Nesse contexto, o artigo investiga as vivências femininas no Parque da Lagoa, um dos parques urbanos da cidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, explorando suas dinâmicas socioespaciais a partir de uma perspectiva sensível às experiências cotidianas do gênero feminino. A reflexão proposta propõe também o questionamento sobre quais são as vozes que narram e produzem sentidos acerca dos espaços livres públicos, defendendo que essas leituras podem, e devem, emergir do cotidiano da comunidade feminina que os frequenta.

A discussão direciona-se à relação entre gênero e o uso dos parques urbanos e, por consequência, à compreensão da própria cidade como um território que reflete e produz desigualdades sociais, raciais e de gênero. Como propõe Joice Berth (2023), "essas questões encontram um chão para se materializar: o espaço urbano. Nas cidades, o poder ganha chão e também localização", reforçando a centralidade do espaço urbano como campo de disputa, visibilidade e construção de sentidos.

Como lembra Chimamanda Adichie (2009), em seu ensaio "O perigo de uma história única", reduzir pessoas ou grupos a uma narrativa única é negar a complexidade de suas existências. Ao tratar das experiências femininas, essa reflexão é fundamental: não existe um modelo universal. Cada vivência é moldada por suas interseções, e todas elas são necessárias para compreender a realidade de forma plural. Valorizar essa multiplicidade de vozes significa reconhecer que as histórias, ainda que distintas, se entrelaçam na construção coletiva do direito feminino à cidade e aos espaços livres públicos.

[1] Os espaços livres são áreas sem edificações, que podem ser pavimentadas ou arborizadas, urbanas ou rurais, públicas ou privadas (Magnoli, 1982). Neste trabalho, ao se referir a espaços livres públicos, considera-se aqueles bens de uso comum do povo, como ruas, praças, parques, praias e similares (Macedo et al., 2018).

Nesse sentido, há diferentes realidades para o gênero feminino na cidade, muitas delas marcadas por limitações históricas de presença. O simples ato de "estar na cidade" nunca foi totalmente reconhecido como feminino. Como destaca Zaida Muxí (2024), a proximidade máxima aceita do corpo feminino com o espaço livre público era representada pela figura pictórica da "mulher na janela". Essa figura, recorrente sobretudo a partir do século XIX na pintura, literatura e imaginário burguês, simboliza a mulher confinada ao espaço doméstico, mas ainda assim voltada, de forma contida e vigiada, para o mundo exterior.

Trata-se de um arquétipo que traduz a separação moderna entre os domínios do masculino (o espaço público) e do feminino (o espaço privado), reforçando a ideia de que à mulher cabia observar, jamais atravessar, a cidade. A janela, nesse contexto, não funcionava como um portal a ser atravessado, mas como uma barreira, uma moldura através da qual se enxerga um mundo do qual não se faz parte e que também não lhe pertence.

No âmbito masculino, o encantamento e a liberdade pela cidade constituem uma temática comum. Desde Charles Baudelaire, em "O Pintor da Vida Moderna" no século XIX, até Rubem Fonseca, com seus textos sobre "A Arte de Andar nas Ruas do Rio de Janeiro" no final do século XX, o *flâneur* emerge como o protagonista que caminha pelas ruas em busca de si mesmo, imerso no mundo da burguesia.

Em contraste, a presença feminina nunca foi plenamente aceita, especialmente quando se tratava de caminhar por simples desejo, sem estar vinculada a uma função ou necessidades específicas. Caso fosse viável voltar no tempo, seria possível descobrir que as *flâneuses*[2] transitavam pelas mesmas ruas frequentadas por Charles Baudelaire (Elkin, 2022). No entanto, sua presença não era interpretada da mesma forma que a do *flâneur*, entendido como um homem "respeitável" vagando pela cidade.

Embora atualmente as mulheres sejam muito mais livres para se movimentar nas cidades da mesma forma que os homens (dependendo, é claro, da classe social, da raça e do contexto urbano), elas permanecem conscientes de que ficar sozinhas significa tornar-se vulnerável a uma atenção indesejável e à ameaça de violência. Como apontam Leslie Kern (2021) e Berth (2023), os limites são simbólicos e psicológicos, variando conforme alguns marcadores, entre eles o gênero.

[2] O uso do termo "*flâneuse*" proposto por Lauren Elkin (2022) aborda o aspecto feminino até então não enfatizado na palavra "*flâneur*". A palavra vem com o intuito de englobar as mulheres no perambular das cidades, não só de maneira física, mas também literal e simbólica.

A interseção entre gênero, classe, raça, e outros marcadores sociais gera dinâmicas complexas que moldam as vivências e desafios dessas mulheres tanto no espaço público como no privado. Nesse sentido, como argumenta Muxí (2024): “é preciso libertá-las do trabalho doméstico e do cuidado para elas serem cidadãs”. Como observa Silvia Federici (2021), o “aposentar das panelas” simboliza não apenas a recusa ao trabalho doméstico imposto, mas também a busca por liberdade e pela construção de novas formas de viver e se relacionar. Esses processos contribuem para moldar as realidades e as atmosferas urbanas[3], transformando o espaço em território de resistência e criação.

A presença das mulheres nos espaços livres públicos constitui, como lembra Federici (2021), um gesto profundamente político. Para Rebecca Solnit (2016), o caminhar carrega significados culturais e sociais, mas a liberdade plena de fazê-lo nunca foi igualmente garantida. Nesse sentido, estar na cidade como mulher vai além de simplesmente se deslocar: é reivindicar o direito de existir publicamente, de participar da vida comum e de transformá-la.

Partindo dessa perspectiva, compreende-se os espaços livres públicos também como lugares atravessados por relações de poder, normas sociais e práticas cotidianas, nas quais a presença feminina evidencia tanto possibilidades de uso e permanência quanto limites e restrições ainda vigentes. Assim, os parques urbanos são entendidos não apenas como suportes físicos de lazer, mas como espaços de produção de sentidos. Nesse contexto, o artigo propõe uma reflexão sobre de quem são as vozes que narram os espaços livres públicos, tendo como estudo de caso o Parque da Lagoa.

Percursos metodológicos

A investigação dialoga com diferentes práticas de aproximação ao Parque da Lagoa, buscando compreender seus processos temporais, suas configurações espaciais e as experiências que nele se constroem. O percurso metodológico foi organizado a partir de três movimentos de aproximação ao parque: 1) a investigação temporal e funcional, reunida através do tempo 2) aproximação sensível por meio da caminhografia (Rocha;

[3] O conceito de "atmosferas urbanas" está ligado às experiências cotidianas na cidade, como destacado por Lamounier (2019), que aborda a ideia de atmosferas de preferência. Isso envolve o reconhecimento coletivo de um ambiente urbano percebido através de uma variedade de significados individuais, que derivam de diversas relações e levam em conta aspectos tangíveis e intangíveis.

Santos, 2023) e 3) as narrativas compartilhadas, construídas a partir de entrevistas de manejo cartográfico (Tedesco; Sade; Caliman, 2013) com a comunidade feminina que frequenta esse espaço. A combinação dessas diferentes formas de aproximação constituiu uma estratégia de investigação e percepção dos parques urbanos denominada, nesta pesquisa, de cartografia sócio-morfológica.

A investigação temporal e funcional foi construída a partir de registros disponíveis na Hemeroteca Digital, considerando os periódicos caxienses presentes no acervo entre 1970 e 2024. A busca foi realizada a partir de diferentes denominações e termos associados ao Parque da Lagoa, de modo a acompanhar os registros sobre esse espaço ao longo do período investigado. Entre os materiais encontrados, foram priorizados aqueles que apresentavam registros iconográficos e aqueles que permitiam identificar percepções sobre o parque ou transformações ocorridas no espaço. Os materiais selecionados deram origem às colagens temporais, que reúnem diferentes registros produzidos pela mídia e compõem uma primeira forma de leitura do parque.

Paralelamente, foram elaborados mapas de análise morfológica, voltados à compreensão de sua configuração espacial e de elementos como acessos, percursos, limites, áreas de permanência e relações entre os diferentes espaços que o constituem. Essa leitura não foi tomada de forma isolada, mas como uma base para colocar a materialidade do parque em diálogo com as demais aproximações da pesquisa, contribuindo para compreender como as experiências observadas e narradas se relacionam com sua configuração espacial.

A caminhografia foi realizada entre fevereiro de 2024 e fevereiro de 2025, a partir de percursos pelo parque, em diferentes dias da semana e também aos finais de semana. Esses percursos possibilitaram aproximações sucessivas com o espaço ao longo do período de investigação, permitindo acompanhar alterações em seus usos, dinâmicas e formas de apropriação, assim como a presença de diferentes agentes.

Durante os percursos, os registros foram realizados por meio de fotografias, vídeos e anotações em caderno de campo. Além da observação de quem estava presente e das atividades desenvolvidas no parque, foram registradas sensações e percepções produzidas durante o caminhar e o modo como a própria pesquisadora experienciou o espaço. Essa recorrência dos percursos, em diferentes momentos, permitiu reconhecer que essas percepções não eram fixas, mas se alteravam conforme as condições encontradas e as diferentes formas de ocupação do parque. Os registros e observações

produzidos durante esses percursos foram posteriormente articulados nos mapas “Onde estão as mulheres”, nos quais foram representadas as presenças, os usos e as dinâmicas percebidas no espaço pela pesquisadora.

As narrativas compartilhadas foram construídas a partir de cinco entrevistas realizadas em dezembro de 2024. Essa perspectiva aproxima-se do que Stengers (2023) denomina “experimento do encontro”, entendido como uma possibilidade de aprender com e a partir do outro, assumindo os riscos e as transformações implicados nesse encontro. Nesse sentido, a aproximação com as participantes ocorreu de maneira espontânea durante as idas ao parque, sem contato ou agendamento prévio. Elas eram convidadas a conversar conforme sua disponibilidade e interesse em compartilhar suas experiências. Assim, os critérios para participação foram estar no parque no momento da aproximação e sentir-se confortável a dialogar sobre suas vivências naquele espaço.

As entrevistas foram conduzidas a partir do manejo cartográfico (Tedesco; Sade; Caliman, 2013), privilegiando o diálogo e a experiência narrada em lugar de uma estrutura rígida de perguntas e respostas. Por conta disso, a duração das entrevistas variou conforme o próprio movimento de cada conversa, estendendo-se por aproximadamente 15 a 30 minutos. Algumas participantes, em poucos minutos, compartilhavam diferentes acontecimentos e suas trajetórias, enquanto outras construíam suas narrativas de maneira mais demorada. Buscou-se, dessa forma, respeitar os diferentes ritmos e modos de narrar de cada mulher[4].

Com o consentimento das participantes, as conversas foram registradas em áudio, permitindo que, durante os encontros, a pesquisadora privilegiasse a presença, a escuta e o diálogo, sem a necessidade de realizar anotações simultâneas. Posteriormente, os áudios foram escutados integralmente, sem que fosse realizada a transcrição completa das entrevistas. Ao longo dessas escutas, foram registrados em texto fragmentos das narrativas relacionados às experiências de cada participante no parque, buscando reunir histórias vividas naquele espaço, as pessoas com quem o compartilhavam, seus modos de utilização e as percepções e sentidos atribuídos a ele.

[4] Essa pesquisa foi submetida à Plataforma Brasil e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, conforme Parecer nº 7.314.146. A participação nas entrevistas ocorreu mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após a apresentação dos objetivos e dos procedimentos da pesquisa. Na seleção dos fragmentos das narrativas e na elaboração das colagens de percepções, buscou-se preservar a identidade das participantes e evitar a exposição de informações que permitissem sua identificação.

A partir de cada um desses fragmentos, buscou-se reconhecer uma "imagem" capaz de sintetizar a relação estabelecida por cada participante com o parque. Essas leituras não foram definidas previamente às entrevistas, mas construídas posteriormente a partir das imagens do parque que emergiram das narrativas, desenvolvendo assim a colagem de percepções de cada participante. Cada colagem constitui, assim, uma aproximação à maneira como aquela participante experiencia e narra o Parque da Lagoa.

Os três movimentos foram, portanto, trabalhados inicialmente como formas distintas de leitura, cada qual mobilizando diferentes fontes, experiências e modos de representação. As figuras não resultam, assim, de uma sobreposição imediata dos diferentes materiais, mas correspondem às formas de leitura produzidas em cada etapa da investigação. É na síntese final que essas três aproximações: tempo, caminhografia e narrativas compartilhadas são colocadas em relação, permitindo observar aproximações, distanciamentos e tensionamentos entre as diferentes maneiras de narrar, perceber e experienciar o Parque da Lagoa.

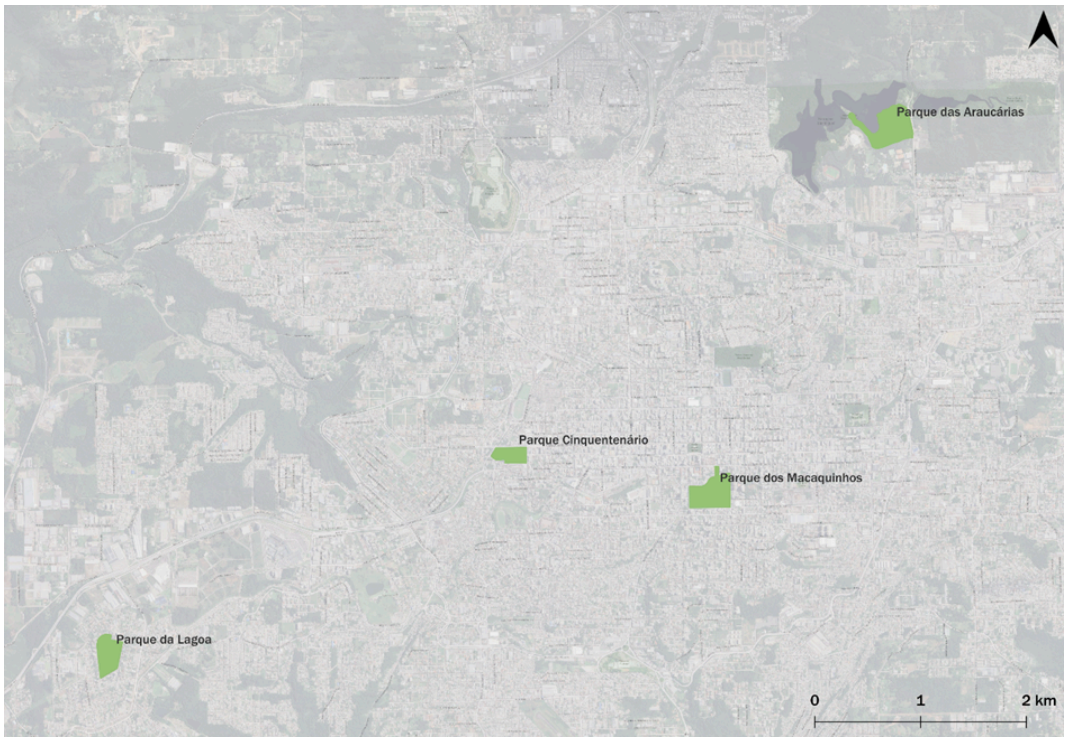
O Parque através do tempo

A sua história tem início ainda na década de 1960, a partir da lagoa situada na área atual do parque, no bairro Desvio Rizzo, de caráter residencial e industrial, localizado próximo à saída da cidade em direção a Porto Alegre. Inicialmente, o espaço servia para um frigorífico local. Com o tempo, após a desativação da empresa, os arredores adjacentes foram loteados[5].

Até meados da década de 1980, existiam apenas dois parques na cidade de Caxias do Sul, ambos na região central da cidade, o que restringia o acesso de grande parte da população (Figuras 1). Nesse sentido, ao longo dos anos, devido à falta de acesso a espaços de lazer próximos ao bairro, os moradores começaram a utilizar a Lagoa como ponto de encontro (Figura 2). Gradualmente, o local foi se transformando em um lugar de lazer.

[5] As informações sobre o Parque da Lagoa foram adquiridas através da investigação na Hemeroteca Digital, através de relatos jornalísticos sobre o local entre 1970-2023.

Figura 1- Localização do Parque da Lagoa na cidade de Caxias do Sul – RS



Fonte: Base Google Earth com alteração da autora, 2025

Figura 2 - Localização do Parque da Lagoa



Fonte: Base Google Earth com alteração da autora, 2025.

Em 1993, com esse crescente uso da região, a área de 7 hectares foi oficialmente denominada Parque Municipal Demétrio Monteiro da Silva, em homenagem a um morador ativo do bairro. A partir desse momento, o parque passou a assumir as configurações espaciais apresentadas na Figura 3.

Figura 3 - Implantação e corte do Parque da Lagoa



Fonte: Elaboração da autora, 2025.

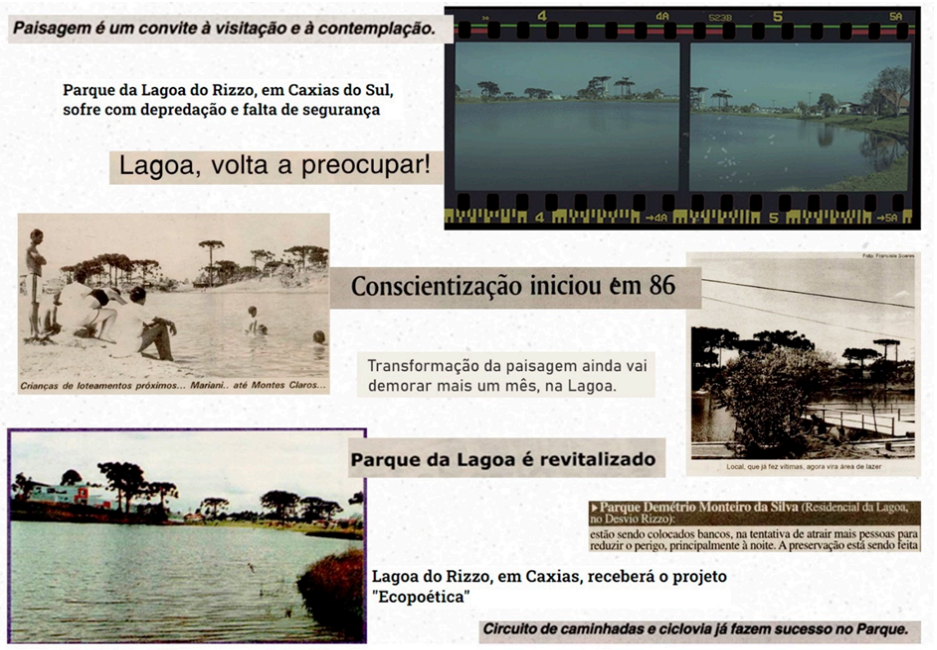
Partindo da perspectiva apresentada na introdução, de que os espaços livres públicos podem ser narrados a partir de diferentes vozes e experiências, essa escolha se expressa também na forma como os lugares são nomeados. Embora a denominação

oficial represente um personagem do bairro, os moradores já se referiam ao local como “Parque da Lagoa” antes mesmo de sua oficialização como parque, em 1993, nome que permanece predominante até hoje.

Assim, optou-se por adotar a denominação pela qual o parque é amplamente reconhecido pela população, compreendendo-a como parte dos processos cotidianos de apropriação simbólica e construção da memória coletiva (Halbwachs, 2006). Essa escolha evidencia que as narrativas institucionais nem sempre coincidem com as formas pelas quais os lugares são vividos, percebidos e significados no cotidiano. Ao privilegiar o nome popular, busca-se reconhecer essas experiências e assumir que a narrativa aqui construída não pretende ser totalizante, mas se apresenta como uma entre as muitas possíveis sobre os espaços livres públicos da cidade.

Dessa forma, buscando compreender as narrativas construídas sobre o parque ao longo do tempo, foram elaboradas colagens a partir de vestígios encontrados na Hemeroteca Digital. A seleção priorizou registros que faziam referência ao parque, especialmente aqueles que apresentavam elementos iconográficos, transformações ocorridas no espaço e percepções associadas a ele (Figura 4).

Figura 4 - Colagem sobre as percepções no Parque da Lagoa



Fonte: Elaboração da autora, 2025.

Esses registros permitem acompanhar formas pelas quais o parque foi representado pela mídia ao longo do tempo, contribuindo para a produção e circulação de determinados imaginários sobre esse espaço. Nesse processo, a mídia é compreendida não como expressão direta das experiências dos habitantes, mas como uma das mediadoras na construção dessas representações. Posteriormente, essas narrativas são colocadas em relação com as experiências e percepções compartilhadas pelas participantes, buscando reconhecer aproximações, deslocamentos e contrastes entre diferentes maneiras de narrar e significar o parque.

Nesse contexto, os próprios registros consultados permitem observar a permanência da denominação popular "Parque da Lagoa" ao longo do tempo, indicando a centralidade atribuída à lagoa na forma como o espaço é reconhecido e nomeado cotidianamente. Essa recorrência permite compreender a lagoa também como um elemento significativo na construção simbólica e na memória associada ao parque.

No que se refere ao contexto socioeconômico, o Desvio Rizzo está entre os bairros com situações de vulnerabilidade na região oeste da cidade. Segundo dados da Fundação de Assistência Social de Caxias do Sul (2021), 367 famílias residentes no bairro encontravam-se em situação de pobreza ou extrema pobreza. Ao mesmo tempo, existe a dualidade onde os arredores imediatos da lagoa apresentam processos de valorização associados, entre outros aspectos, à paisagem e à presença do parque, produzindo contrastes que atravessam esse território.

Outra dimensão que atravessa o contexto investigado refere-se à presença de populações migrantes em Caxias do Sul, cidade que, por sua característica industrial e pela oferta de trabalho e serviços, recebe pessoas de diferentes origens. Durante as visitas ao Parque da Lagoa, observou-se com frequência a presença de grupos conversando em outros idiomas, especialmente em espanhol. Esses registros não permitem identificar a origem, as condições socioeconômicas ou o local de residência desses frequentadores, mas evidenciam diferentes referências culturais entre aqueles que utilizavam o parque nos momentos acompanhados pela pesquisa.

Essas questões constituem parte do contexto socioespacial a partir do qual o Parque da Lagoa é investigado. Algumas delas reaparecem, de maneira situada, nas narrativas das participantes. A sua experiência não é tomada como representativa das populações migrantes que vivem ou frequentam a região, mas como uma trajetória

particular que permite compreender como esses temas podem atravessar a experiência desse espaço livre público.

O Parque através da caminhografia

A caminhografia urbana (Rocha; Santos, 2023) se refere à união entre o caminhar e o cartografar como atos simultâneos e sensíveis. Ela integra sensorialidade, corporeidade e experiência nos procedimentos espaciais de mapeamento, o que permite acessar dimensões subjetivas e simbólicas dos lugares, muitas vezes invisibilizadas por análises exclusivamente morfológicas. A caminhografia foi vivenciada pela própria autora, assim, as impressões aqui apresentadas referem-se às suas percepções durante os trabalhos de campo. Os registros das caminhadas, realizados por meio de mapas, desenhos, fotografias e vídeos, traduzem não apenas trajetos, mas sensações, pausas, conflitos, desejos e medos (Figura 5).

Figura 5 - Caminhografia em vários dias, em diferentes horários e locais



Fonte: Elaboração da autora, 2025

Esses registros foram realizados em diferentes momentos, constituindo a base do trabalho e demandando múltiplas visitas ao parque. Esses encontros ocorreram em dias ensolarados, quentes e frios, bem como no período posterior às enchentes de maio de 2024, que devastaram o estado do Rio Grande do Sul, incorporando ao processo de pesquisa um contexto marcado por impactos e transformações, no qual não é possível assumir uma postura neutra, uma vez que os acontecimentos atravessam o próprio fazer da pesquisa.

As caminhadas variaram muito a cada visita. Durante os dias de semana, a frequência reduzida de pessoas conferia ao espaço uma sensação de esvaziamento, sugerindo que o tempo disponível para o lazer é limitado no cotidiano dos moradores. Nesse contexto, o trabalho e outras demandas da vida diária tendem a ocupar lugar prioritário, especialmente em um bairro marcado por condições socioeconômicas mais restritivas, nas quais a rotina semanal se mostra mais rígida e menos permeável ao uso dos espaços livres públicos.

Nos finais de semana, entretanto, a dinâmica do parque se transforma. O espaço passa a ser intensamente apropriado, marcado por uma diversidade de atividades, pessoas, sons, cheiros e experiências. Sua localização e, sobretudo, o perfil dos frequentadores contribuem para que o parque seja utilizado como uma extensão do espaço doméstico, acolhendo práticas como churrascos, piqueniques, jogos de futebol e rodas de chimarrão.

Nesse contexto, a Figura 6 apresenta o mapa intitulado “Onde estão as mulheres”, elaborado a partir das observações realizadas durante as caminhografias no Parque da Lagoa. As representações apresentadas constituem uma síntese das múltiplas visitas realizadas ao longo da pesquisa, em diferentes horários e dias da semana, registrando as presenças, permanências, usos e formas de ocupação observadas nesses momentos. Desse modo, o mapa não pretende estabelecer padrões generalizáveis sobre a presença feminina no parque, mas representar situações recorrentes no recorte acompanhado pela pesquisadora.

Figura 6 - Onde estão as mulheres no Parque da Lagoa



Fonte: Elaboração da autora, 2025

O mapa permite observar que, para além das funções atribuídas ao parque e de seus elementos físicos, outras nuances atravessam as formas como o espaço foi percebido durante as caminhografias. A representação busca, assim, sobrepor aos elementos visíveis e tangíveis os usos, presenças e situações registrados durante os percursos, incorporando dimensões que não são apreendidas apenas pela configuração física do parque.

Nas visitas, observou-se uma presença recorrente de mulheres nos espaços próximos à lagoa, caracterizados por maior visibilidade e circulação, conforme indicado em roxo no mapa. Nesses trechos, foram registradas diferentes práticas, como caminhadas, piqueniques, exercícios físicos e contemplação da paisagem, além de situações relacionadas ao cuidado. Particularmente nas proximidades dos playgrounds, foi frequente observar mulheres acompanhando crianças durante suas brincadeiras. No recorte observado, essa recorrência permite colocar em questão como as

responsabilidades de cuidado, socialmente associadas ao gênero feminino, também atravessam as formas de presença e permanência das mulheres no espaço público.

Nessas mesmas áreas, observou-se também a presença recorrente de grupos numerosos, compostos por homens, mulheres e crianças, geralmente reunidos em piqueniques enquanto as crianças brincavam ao redor. Entre esses grupos, o uso do espanhol se destacava em meio às dinâmicas cotidianas do parque, evidenciando outras referências culturais entre as formas de convivência observadas nesse espaço. Em contraste, nas áreas mais afastadas da lagoa e caracterizadas por vegetação mais densa, registrou-se menor presença feminina.

Nessas áreas, foram registrados com maior frequência grupos masculinos, especialmente em espaços mais reservados e de menor exposição. Dinâmica semelhante foi observada na Rua João Florian, embora com variações conforme os dias acompanhados: durante a semana, foram registradas situações em que o parque funcionava como espaço de pausa durante a jornada de trabalho; nos finais de semana, observaram-se alguns encontros associados aos veículos, por vezes acompanhados de som automotivo.

A partir dessas observações, percebe-se que as formas de presença de mulheres e homens assumiram configurações distintas nos momentos acompanhados pela pesquisa. Embora as mulheres tenham sido registradas em atividades diversas, como caminhadas, exercícios físicos, encontros e momentos de lazer, situações relacionadas ao cuidado apareceram de maneira recorrente entre as presenças femininas observadas. Entre os homens, por sua vez, foram mais frequentes, no recorte acompanhado, situações associadas à permanência e ao lazer. Esses registros permitem refletir sobre como construções sociais de gênero podem atravessar os usos e as formas de permanência no espaço livre público.

O Parque através das narrativas compartilhadas

Nesse momento, o foco desloca-se para as experiências relatadas pela comunidade feminina. Conforme comentam Tedesco, Sade e Caliman (2013), a entrevista buscou não apenas falar sobre a experiência, mas vivenciá-la por meio da fala. Nesse sentido, para esta pesquisa, foi adotada a entrevista de manejo cartográfico, método caracterizado por seu caráter qualitativo, semelhante a uma conversa, com um

roteiro de perguntas flexível e adaptável a cada situação, um processo que transcende o modelo tradicional de perguntas e respostas.

As cinco participantes apresentavam diferentes trajetórias e formas de se relacionar com o parque. Entre elas, três eram naturais de Caxias do Sul, uma era proveniente de outro município brasileiro e uma era venezuelana, sendo que todas residiam na cidade no período da pesquisa. Três das participantes eram mães, sendo que duas estavam acompanhadas de seus filhos pequenos no momento das entrevistas. Em relação às atividades profissionais, quatro estavam inseridas no mercado de trabalho, enquanto uma era aposentada. As participantes também pertenciam a diferentes faixas etárias: duas tinham entre 18 e 34 anos, duas entre 35 e 54 anos e uma entre 55 e 70 anos.

Essas características não constituíram critérios prévios para a seleção das participantes, uma vez que os encontros ocorreram de maneira espontânea no próprio parque. Entretanto, foram consideradas na leitura das narrativas quando atravessavam as experiências relatadas. Desse modo, as experiências não são compreendidas de forma homogênea, mas em articulação com diferentes trajetórias, momentos da vida, relações familiares, condições de trabalho e vínculos com o território.

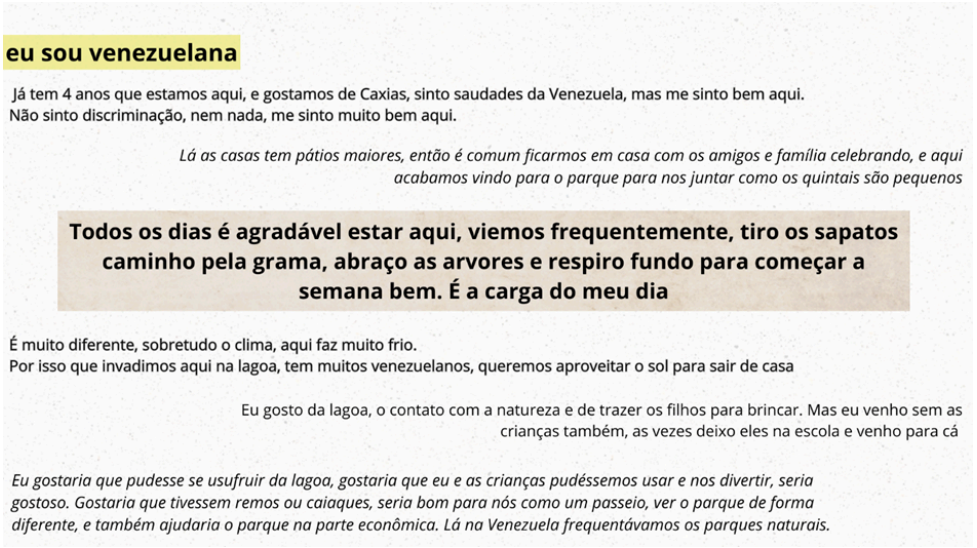
Com o objetivo de conferir vida às entrevistas, foram elaboradas colagens a partir de cada uma das conversas realizadas, nas quais cada imagem revela a trajetória e as experiências de uma mulher. À semelhança do uso de recortes de jornais para a construção das atmosferas urbanas dos parques, essa mesma abordagem foi retomada, entendendo-se que cada participante contribui com seus próprios “recortes” (suas vivências e percepções) que, articulados, compõem a “imagem” do parque sob sua ótica.

Para facilitar a leitura e a interpretação das colagens, adotou-se um sistema de codificação cromática. A cor amarela representa as formas de apresentação de cada participante, evidenciando o caráter não universal desse momento inicial. Cada participante se apresentou de maneira singular, e essa fala demarcada corresponde à sua primeira interação no diálogo. A cor marrom, por sua vez, destaca os trechos que se sobressaíram ao longo da conversa, por sintetizar aspectos centrais da relação dessa mulher com o parque. As demais falas presentes nas colagens são apresentadas por meio de diferentes recursos gráficos, como o uso do cinza, itálico ou outras variações, remetendo à lógica de recortes de múltiplas histórias.

Parque como pertencimento

Durante as caminhografias, observou-se de forma recorrente a presença de grupos numerosos, compostos por homens, mulheres e crianças, reunidos em situações de convivência e nos quais o uso do espanhol se destacava. Foi em um desses encontros, durante um piquenique familiar, que ocorreu a aproximação com a primeira participante. Ao longo da conversa, ela informou ser venezuelana e compartilhou aspectos de sua experiência no Parque da Lagoa (Figura 7). Sua narrativa permite aproximar-se de uma experiência migratória situada, atravessada por sua trajetória e pelas relações estabelecidas com o parque e com a cidade.

Figura 7 - Narrativas femininas sobre o Parque da Lagoa 01



Fonte: Colagem elaborada pela autora a partir de recortes das falas da participante, 2025.

Nos primeiros momentos da conversa, ela estabeleceu comparações entre Caxias do Sul e a Venezuela, destacando especialmente as diferenças climáticas. Os dias de sol eram particularmente valorizados e constituíam oportunidades para sair de casa, encontrar familiares e amigos e permanecer no parque. Ao explicar a recorrência desses encontros, recordou que, na Venezuela, as residências de sua família possuíam quintais amplos, utilizados para celebrações e momentos de convivência. Em Caxias do Sul, diante de moradias menores e com áreas externas reduzidas, o parque passou a desempenhar parte dessa função, sendo descrito como uma extensão da casa e como espaço para encontros e comemorações.

A relação entre as lembranças da Venezuela e as práticas reconstruídas no Parque da Lagoa evidencia como a experiência presente se articula às memórias produzidas e compartilhadas socialmente. Como discute Halbwachs (2006), a memória não se constitui de maneira isolada, mas a partir dos grupos e das referências coletivas que participam de sua construção. Nesse sentido, os encontros no parque não apenas remetem às experiências anteriores da participante, mas permitem que determinadas formas de convivência sejam reconstruídas em outro território.

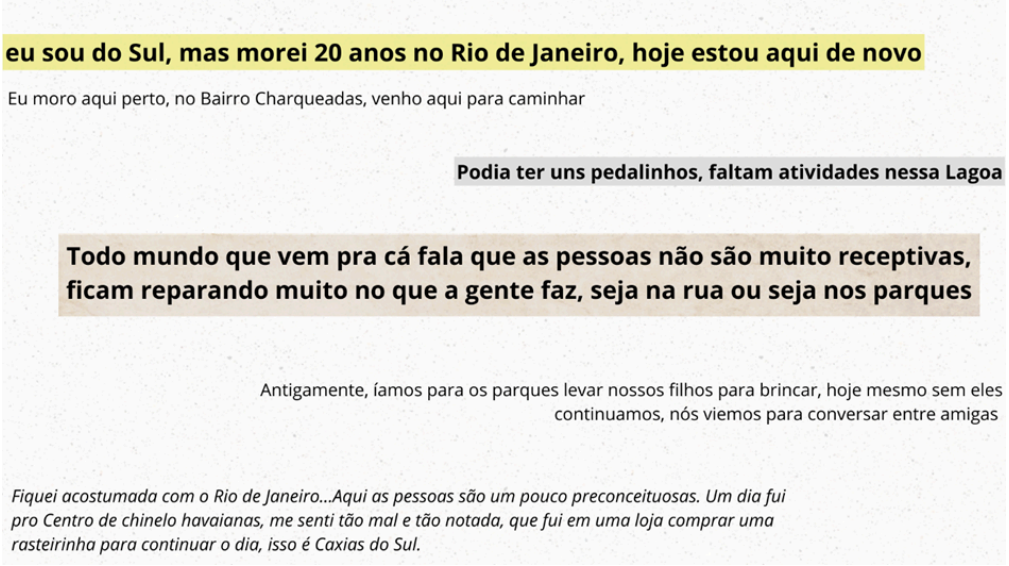
Embora não tenha detalhado os motivos de sua vinda ao Brasil, a participante relatou certo sentimento de nostalgia em relação às experiências deixadas na Venezuela, ao mesmo tempo em que descreveu positivamente os quatro anos vividos em Caxias do Sul. Em sua narrativa, o parque aparece como parte desse processo de construção de vínculos com o lugar, aproximando-se da perspectiva de Berth (2023), para quem o direito à cidade não se restringe ao acesso aos espaços urbanos, mas envolve também a possibilidade de participar deles e construir relações de pertencimento.

O contato com a natureza também ocupava um lugar central nessa relação. Estar descalça, abraçar as árvores e contemplar a paisagem foram descritos como experiências particularmente significativas. Ainda assim, a participante manifestou o desejo de entrar na lagoa: observá-la à distância parecia insuficiente, pois gostaria que a água pudesse participar de maneira mais ativa dos encontros e celebrações de sua família. Na imagem de parque construída por essa interlocutora, pertencimento não significa apenas estar presente, mas poder recriar práticas e estabelecer vínculos.

Parque como autonomia

O segundo diálogo trouxe para a conversa diferentes percepções sobre a possibilidade de ocupar a cidade com autonomia. Embora seja gaúcha, relatou ter vivido por muitos anos no Rio de Janeiro, retornando posteriormente a Caxias do Sul por motivos familiares. Ao comparar as duas cidades, descreveu o cotidiano carioca como mais despreocupado, marcado, em sua percepção, por uma maior liberdade na maneira de vestir, comportar-se e ocupar os espaços públicos. Em Caxias do Sul, por outro lado, sente que essas escolhas são mais frequentemente observadas e, por vezes, julgadas (Figura 8).

Figura 8 - Narrativas femininas sobre o Parque da Lagoa 02



Fonte: Colagem elaborada pela autora a partir de recortes das falas da participante, 2025.

A percepção da participante evidencia que estar no espaço público não significa necessariamente experimentá-lo com a mesma liberdade. Como discute Kern (2021), as experiências das mulheres na cidade são atravessadas por formas de vigilância e controle que não se restringem às barreiras físicas, mas também se manifestam nos olhares, julgamentos e expectativas sobre seus corpos e comportamentos. Nesse sentido, a autonomia narrada pela interlocutora envolve não apenas a possibilidade de acessar a cidade, mas de sentir-se livre para ocupá-la a partir de suas próprias escolhas.

Essa relação também aparece nas transformações de sua experiência com os parques ao longo da vida. A participante recordou o período em que levava os filhos ao Parque dos Macaquinhos durante as visitas à avó. Atualmente, com os filhos adultos, passou a frequentar os parques na companhia de amigas que compartilharam trajetórias semelhantes. Se antes esses espaços estavam associados também ao acompanhamento dos filhos, hoje aparecem como lugares de encontro escolhidos e usufruídos por elas próprias.

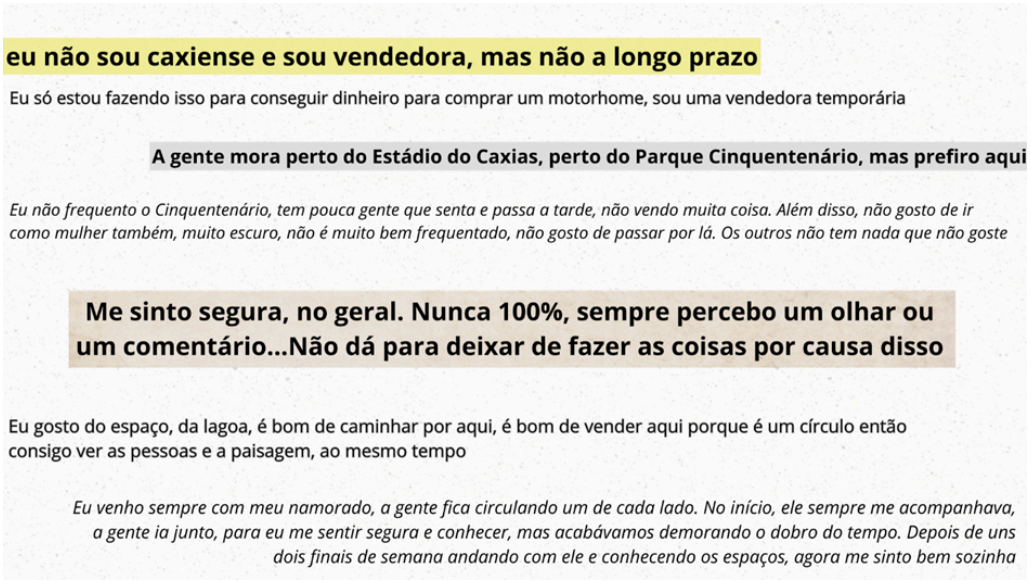
Nesta etapa de suas trajetórias, os parques são vivenciados sobretudo como espaços de convivência, onde se reúnem para conversar, tomar chimarrão e compartilhar o tempo juntas. Durante a conversa, a pesquisadora foi até convidada a integrar a roda e a compartilhar o chimarrão, fazendo com que o próprio encontro passasse a compor, ainda que momentaneamente, aquela situação de sociabilidade narrada pela interlocutora.

A participante e suas amigas percorrem diferentes parques, reúnem-se e escolhem coletivamente os lugares onde desejam permanecer. Antes do encontro naquele dia, por exemplo, haviam estado no Parque das Araucárias. Segundo ela, cada uma possui um parque de preferência e, por isso, alternam os locais, buscando contemplar os interesses do grupo enquanto usufruem de diferentes espaços livres públicos da cidade.

Parque como trabalho

O encontro com a terceira participante teve início ainda durante as caminhografias. Em diferentes visitas ao Parque dos Macaquinhos, a pesquisadora havia observado a presença recorrente de uma vendedora de sacolé. Como ela se encontrava envolvida em sua atividade comercial, optou-se, naquele momento, por não interromper seu trabalho. Em uma das visitas ao Parque da Lagoa, a mesma vendedora foi novamente encontrada e, a partir da conversa, soube-se que ela circulava por diferentes parques da cidade para comercializar seus produtos. Sua presença evidenciava, assim, outra forma de experienciar os espaços livres públicos, mediada pelo trabalho (Figura 9).

Figura 9 - Narrativas femininas sobre o Parque da Lagoa 03



Fonte: Colagem elaborada pela autora a partir de recortes das falas da participante, 2025.

A participante relatou não ser natural de Caxias do Sul e explicou que a venda de sacolés constituía uma ocupação temporária, realizada com o objetivo de juntar recursos com o companheiro. Seu contato inicial com os parques da cidade ocorreu por intermédio dele, que é caxiense e, no início da atividade, a acompanhava durante as vendas para que se sentisse mais segura. Com o tempo e a familiarização com esses espaços, passou a trabalhar também sozinha, dividindo com o companheiro os locais de venda.

A possibilidade de trabalhar sozinha, infelizmente, pode gerar situações de insegurança. A participante relatou incômodos relacionados a olhares e comentários indesejados, situações que procura relativizar diante da necessidade de continuar trabalhando. Sua circulação pelos parques passa, assim, por escolhas relacionadas às condições encontradas em cada espaço. Apesar de residir nas proximidades do Parque Cinquentenário, por exemplo, afirmou evitar trabalhar nele por considerá-lo pouco movimentado. A necessidade de trabalhar faz com que situações de desconforto sejam ponderadas, ao mesmo tempo em que determinados espaços são escolhidos ou evitados.

O Parque da Lagoa, onde ocorreu a conversa, foi apontado como seu preferido. Para além das boas condições para as vendas, a participante destacou a amplitude do espaço e a visibilidade proporcionada pelo entorno da lagoa, que lhe permitem acompanhar o movimento ao redor e contribuem para sua sensação de segurança. Essa percepção dialoga com Jacobs (2011), ao evidenciar a relação entre presença de pessoas, visibilidade e segurança nos espaços públicos. Ao mesmo tempo, a paisagem não é percebida apenas de maneira funcional: mesmo durante o trabalho, a participante destacou a possibilidade de contemplá-la como uma qualidade daquele espaço.

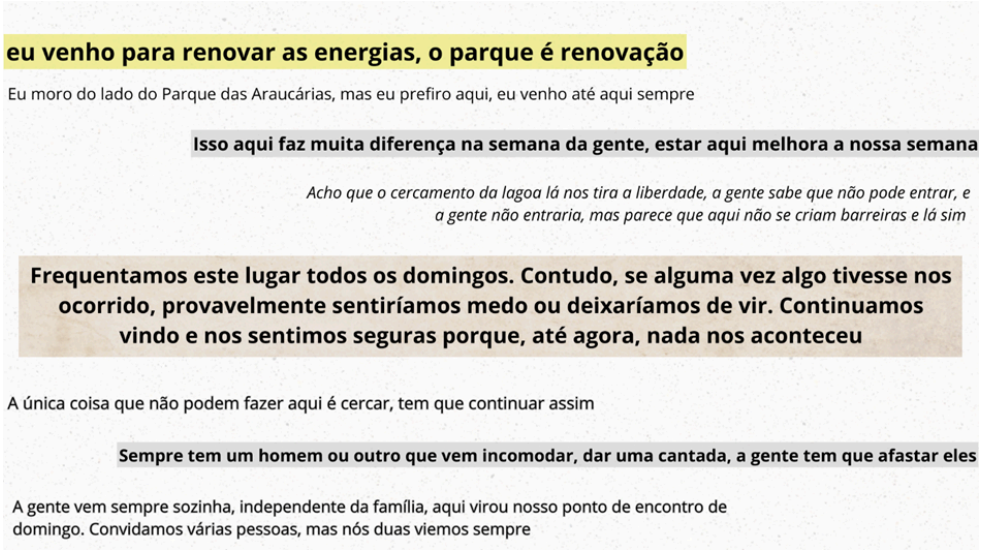
Na imagem construída por essa interlocutora, o parque aparece como espaço de trabalho, mas não apenas como suporte para uma atividade econômica. Trabalhar implica conhecer, comparar e escolher os espaços da cidade, construindo formas próprias de circulação e permanência em cada um deles.

Parque como liberdade

Para a quarta participante, a permanência no Parque da Lagoa constitui um elemento que qualifica positivamente sua semana. Embora resida nas proximidades do Parque das Araucárias, relatou atravessar a cidade para frequentar o Parque da Lagoa

aos domingos. Para além da paisagem, destacou sobretudo a sensação de liberdade associada à presença da lagoa. Mesmo sem a possibilidade de entrar na água, a ausência de cercas ou barreiras, em contraste com o Parque das Araucárias, foi descrita como um importante símbolo de liberdade. Nesse espaço aberto, ela sente-se mais próxima da natureza e menos limitada em sua experiência (Figura 10).

Figura 10 - Narrativas femininas sobre o Parque da Lagoa 04



Fonte: Colagem elaborada pela autora a partir de recortes das falas da participante, 2025.

A participante afirmou frequentar o parque desde sua inauguração, tanto sozinha quanto acompanhada por amigas. Ao falar sobre a continuidade dessa frequência, relacionou sua sensação de segurança ao fato de que, até o momento, não havia vivenciado situações que considerasse graves naquele espaço. Essa percepção, entretanto, convive com incômodos presentes em seu cotidiano. Conforme relatou, "sempre tem um homem ou outro que incomoda, dá uma cantada".

A coexistência entre a sensação de liberdade e a recorrência desses episódios revela uma tensão importante na experiência narrada. Aquilo que a participante não considera suficientemente grave para impedi-la de frequentar o parque permanece como uma forma de constrangimento incorporada ao cotidiano.

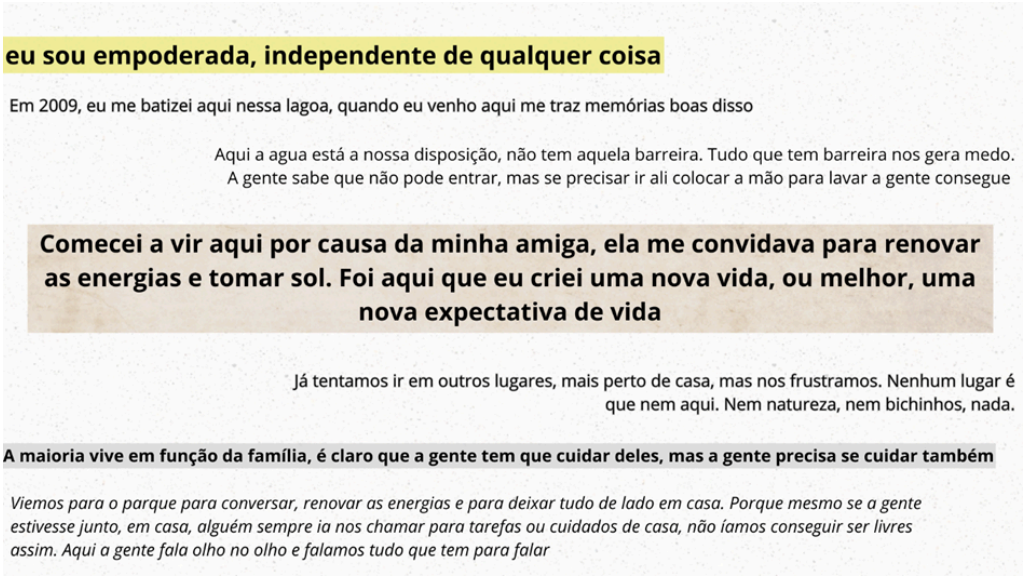
Na imagem construída por essa interlocutora, o parque aparece, portanto, como espaço de liberdade, mas de uma liberdade que não pressupõe a ausência de constrangimentos. Ela se constrói na possibilidade de escolher aquele espaço, atravessar a cidade para frequentá-lo, permanecer sozinha ou com amigas e estabelecer uma

relação de proximidade com a paisagem, ao mesmo tempo em que situações de incômodo continuam atravessando sua experiência.

Parque como renovação

O último diálogo trouxe à tona uma relação com o parque marcada pela transformação pessoal. A interlocutora relatou que passou a frequentá-lo por incentivo de amigas e que, atualmente, sempre que possível, faz questão de estar no local, seja para tomar sol ou, em suas palavras, "recarregar as energias". Segundo seu relato, essa frequência produziu mudanças significativas em sua vida, proporcionando aquilo que definiu como "uma nova expectativa de vida" (Figura 11).

Figura 11 - Narrativas femininas sobre o Parque da Lagoa 05



Fonte: Colagem elaborada pela autora a partir de recortes das falas da participante, 2025.

A possibilidade de aproximação com a água também ocupa um lugar importante nessa experiência. Para a participante, "tudo que tem barreira nos gera medo", percepção que associa tanto à relação com a lagoa quanto a outras dimensões da vida cotidiana. Em sua narrativa, o Parque da Lagoa aparece como insubstituível entre os espaços que conhece, sobretudo pela combinação entre água, vegetação e presença de animais, elementos que participam da sensação de bem-estar que atribui ao lugar.

Essa relação se estende à possibilidade de construir, no parque, um tempo dedicado a si e à convivência com outras mulheres. A interlocutora afirmou preferir

frequentá-lo com amigas, pois considera que, no ambiente doméstico, os encontros são frequentemente atravessados por demandas familiares e tarefas cotidianas.

No parque, por outro lado, encontram a possibilidade de conversar, trocar experiências e compartilhar um tempo que não está imediatamente associado a essas responsabilidades. Essa experiência aproxima-se das reflexões de Federici (2021) sobre a distribuição desigual do trabalho de cuidado e reprodução da vida, historicamente atribuído às mulheres, permitindo pensar o espaço público também como possibilidade de deslocamento, ainda que momentâneo, dessas demandas.

A relação da participante com o parque também é atravessada pela memória e pela fé. Foi naquele espaço, junto à lagoa, que ocorreu sua iniciação religiosa por meio do batismo por imersão, fazendo com que a paisagem esteja associada a uma experiência significativa de sua trajetória.

Na imagem construída por essa interlocutora, o parque aparece como um espaço de renovação. A natureza, a convivência com amigas, a possibilidade de afastar-se temporariamente das demandas cotidianas e as memórias relacionadas à fé se sobrepõem na construção de um lugar ao qual ela retorna para "recarregar as energias".

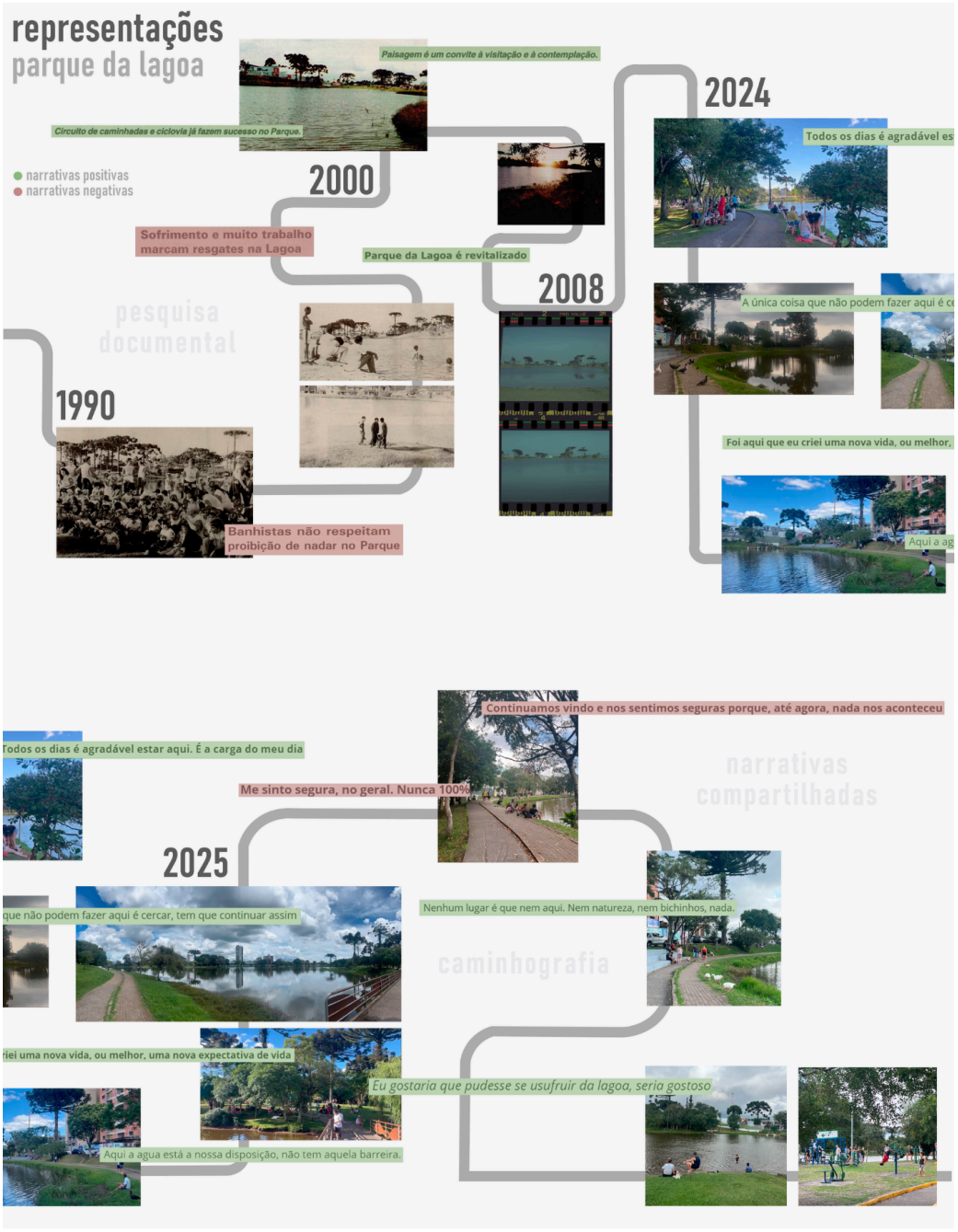
O Mosaico de Experiências

As etapas investigativas evidenciam que as experiências construídas nos parques não permanecem circunscritas a um único espaço. Embora o Parque da Lagoa constitua o estudo de caso deste artigo, outros parques da cidade foram recorrente e espontaneamente mencionados pelas participantes, seja a partir de lembranças, comparações, preferências ou escolhas de uso. Assim, esses espaços se conectam não apenas por sua distribuição física na cidade, mas também pelos deslocamentos, memórias e experiências daqueles que os frequentam.

Essa leitura aproxima-se da perspectiva de Tsing (2022), ao considerar que sujeitos, histórias e lugares se constituem também a partir dos encontros e das contaminações produzidas entre eles. As narrativas compartilhadas mostram como experiências vividas atravessam a maneira como as participantes percebem, escolhem e permanecem nesses espaços, compondo uma rede de relações que ultrapassa os limites físicos de cada parque.

A partir da articulação entre as três formas de leitura desenvolvidas na pesquisa de tempo, caminhografia e narrativas compartilhadas, foi elaborado o "Mosaico de Experiências" (Figura 12). A representação reúne vestígios das diferentes etapas da investigação, colocando em relação às transformações do parque ao longo do tempo, as situações observadas durante as caminhografias e as experiências narradas pelas participantes. Mais do que sobrepor esses materiais, o mosaico busca evidenciar aproximações, contrastes e continuidades entre diferentes formas de perceber, viver e significar o Parque da Lagoa.

Figura 12 - Mosaico de Experiências - Parque da Lagoa



Fonte: Elaboração da autora, 2025

O mosaico não pretende constituir uma representação definitiva do parque, mas uma composição situada, produzida a partir dos encontros e vestígios reunidos ao longo da pesquisa. Outras aproximações, em outros momentos e com outras mulheres, produziriam necessariamente novas leituras. Nesse sentido, a representação assume-se como uma entre as muitas narrativas possíveis sobre o espaço, contribuindo para

tensionar leituras totalizantes e ampliar as formas pelas quais as experiências das mulheres podem participar da compreensão e da construção dos espaços livres públicos.

Reflexões finais

As abordagens desenvolvidas ao longo deste trabalho evidenciam a potência das formas sensíveis de registrar e interpretar as memórias e trajetórias de mulheres nos espaços livres públicos. A partir das colagens e das linhas do tempo em permanente construção, foi possível compreender que tais experiências não se apresentam de modo linear ou estático, mas como processos vivos, atravessados por deslocamentos e encontros.

Nesse contexto, os parques revelam-se não apenas como cenários de uso, mas como territórios de produção de sentidos, onde as presenças femininas inscrevem marcas, leituras e reconfigurações contínuas do espaço. As narrativas reunidas evidenciaram, ainda, que um mesmo parque pode assumir significados distintos conforme as trajetórias e relações construídas por aquelas que o experienciam, aparecendo como lugar de pertencimento, autonomia, trabalho, liberdade e renovação.

Do ponto de vista metodológico, a articulação entre tempo, caminhografia e narrativas compartilhadas permitiu colocar em relação diferentes formas de conhecer e narrar o Parque da Lagoa. A adoção de procedimentos como recortes, sobreposições e montagens permitiu tensionar as cartografias tradicionais, ampliando o campo de leitura para além das representações fixas. A cartografia sócio-morfológica construída ao longo da pesquisa constitui, assim, uma possibilidade metodológica de aproximar configuração espacial, observação situada e experiências narradas, sem pretender reuni-las em uma leitura única ou definitiva.

No recorte investigado, essas experiências evidenciaram que o acesso ao espaço público não se encerra na possibilidade de estar presente: envolve também condições para permanecer, circular, trabalhar, encontrar outras pessoas e construir vínculos com o lugar. Ao mesmo tempo, situações relacionadas ao cuidado, à segurança, aos olhares e aos constrangimentos atravessaram de maneiras distintas as experiências narradas, demonstrando que essas formas de apropriação são também atravessadas por relações de gênero.

Por se tratar de uma investigação qualitativa e situada, construída a partir de cinco interlocutoras encontradas no Parque da Lagoa, as experiências apresentadas não pretendem representar a totalidade das mulheres que frequentam o parque ou os espaços livres públicos de Caxias do Sul. Outros encontros, com mulheres de diferentes trajetórias e em outros momentos, certamente produziriam novas narrativas e outras imagens desses espaços.

Reconhece-se, portanto, que as trajetórias aqui apresentadas permanecem abertas e em constante transformação, assim como os próprios parques que as acolhem. Não espera-se oferecer uma leitura conclusiva, o trabalho pretende contribuir para ampliar o debate sobre as experiências das mulheres nos espaços livres públicos, incentivando investigações que continuem a ouvir e narrar suas múltiplas formas de presença na cidade. Afinal, como sugere a própria lógica do mosaico, cada fragmento incorporado não encerra a imagem, mas expande suas possibilidades de leitura e de futuro.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *The danger of a single story*. TED Conferences, 2009. 1 vídeo (18 min.). Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-BR. Acesso em: 14 mai. 2025.

BERTH, Joice. *Se a cidade fosse nossa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2023.

ELKIN, Lauren. *Flâneuse: mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres*. São Paulo, Fósforo, 2022.

FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DE CAXIAS DO SUL. *A FAS em números: informativo da Diretoria de Gestão do SUAS*. Caxias do Sul, Prefeitura de Caxias do Sul, 2021.

FEDERICI, Silvia. *Reencantando o mundo*. São Paulo, Elefante Editora, 2021.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Centauro, 2006.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2011.

KERN, Leslie. *Cidade feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens*. Rio de Janeiro, Oficina Raquel, 2021.

LAMOUNIER, Alex; YAMAKI, Humberto; TÂNGARI, Vera Regina. *Atmosferas de preferências e paisagens cotidianas: a cidade através de múltiplos sentidos*. *A*nais da Conferência Internacional: Ressensibilizando Cidades – ambiências urbanas e sentidos, Rio de Janeiro, p. 84-91, 2019.

MACEDO, Silvio S.; QUEIROGA, Eugenio F.; CAMPOS, Ana Cecília A.; CUSTÓDIO, Vanderli; GALENDER, Fany. *Os sistemas de espaços livres e a constituição da esfera pública contemporânea no Brasil*. 1. ed. São Paulo, Edusp, 2018.

MAGNOLI, Miranda M. E. M. *Espaços livres e urbanização: uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana*. 1982. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

MUXÍ, Zaida. *Mulheres, casas e cidades*. 1. ed. São Paulo, Olhares, 2024.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Tais Beltrame dos. *Como é a caminhografia urbana? Registrar, jogar e criar na cidade.* Arquitextos, São Paulo, ano 24, n. 281.05, 2023. Disponível em: https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/24.281/8923. Acesso em: 29 mar. 2024.

STENGERS, Isabelle. *Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências*. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2023.

SOLNIT, Rebecca. *A história do caminhar*. 1. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2016.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. *A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer.* Fractal: Revista de Psicologia, Niterói, v. 25, n. 2, p. 299-322, maio/ago. 2013.

TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. Tradução de Paloma Vidal. São Paulo, n-1 edições, 2022.